

APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA NA ERA DIGITAL

Sonia de Oliveira Santos¹

Dagoberto Buim Arena²

Introdução

A revolução digital provocou mudanças significativas na sociedade e por essa razão surgiram novos modos de compreender o mundo e de lidar com a linguagem. De acordo com Bakhtin (2011), a linguagem possui caráter e formas multiformes que permeiam as várias esferas da atividade humana. Por essa razão, Souza e Gama (2011, p. 7), afirmam que “As esferas de uso da linguagem implicam na contemporaneidade num processo contínuo de interação com o universo midiático, com distintos gêneros textuais e uma leitura multilinear do mundo”. Os gêneros discursivos possibilitam o uso da linguagem e, por meio deles, a palavra se materializa e o pensamento interior pode entrar em diálogo com o outro.

Em uma sociedade na qual as crianças são nativos digitais ou entram em contato muito cedo com as tecnologias, o modo como pensam e lidam com a linguagem, especificamente a linguagem escrita, não é o mesmo de tempos atrás, porque “Ao romper o antigo laço entre textos e os objetos, entre cada discurso e sua materialidade própria, a revolução digital obriga a uma radical revisão dos gestos e das noções que associamos à escrita.” (CHARTIER, 2014, p. 32). Assim, o uso dos instrumentos digitais altera as concepções sobre os atos de ler e de escrever.

As ações realizadas pelos sujeitos ao utilizar os instrumentos digitais demonstram a riqueza de gestos que são característicos da escrita contemporânea. (SOUCHIER, 2015). Ao manuseá-los, eles entram em contato com os atos de ler e de escrever em situações reais de escrita. Para se adaptar a esses novos modos de ler e escrever, o homem modifica sua maneira de pensar, seu comportamento e suas ações diante do uso desses objetos culturais. “[...] os novos dispositivos digitais e os comportamentos do homem influem no modo como os discursos em língua escrita se manifesta e como as crianças podem aprender esse legado.” (BAJARD; ARENA, 2015, p. 252-253), porque a linguagem escrita é construída na e pela mente humana, isto é, ela é construída internamente e sua manifestação fora do cérebro se dá com a sua inscrição em suportes. “Os enunciados discursivos escritos, todavia, são apropriados e objetivados pela mente humana que usa instrumentos e suportes, virtuais ao não, para a sua materialização fora do corpo.” (ARENA; ARENA, 2016, p. 245). Sendo assim, os suportes e os instrumentos digitais junto com a linguagem escrita criam o sentido e alteram o modo de pensar do homem, logo promovem o seu desenvolvimento cognitivo.

À medida que novos suportes são inventados, criam-se novos instrumentos, conseqüentemente, esses novos suportes e esses novos instrumentos exigem gestos específicos para que a linguagem escrita possa neles se inscrever, porque “[a] revolução digital modifica tudo de uma vez: os suportes da escrita, as técnicas de sua reprodução e disseminação e as maneiras de ler. Tal simultaneidade é inédita na história da humanidade.” (CHARTIER, 2014, p. 31). Diante dessas mudanças, a criança não pode aprender a escrita limitada a um único gesto; ela precisa aprender os gestos específicos dos diferentes suportes.

Os gestos foram culturalmente criados pelo homem na relação com a linguagem escrita, instrumento cultural, que promove o seu desenvolvimento e que se manifesta exteriormente na

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- Faculdade de Filosofia e Ciências- Câmpus de Marília, Marília/SP, Brasil. E-mail: soniliver@hotmail.com.

² Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- Faculdade de Filosofia e Ciências- Câmpus de Marília, Marília/SP, Brasil. E-mail: dagobertobuim@gmail.com.

relação com o *outro*, que na visão bakhtiniana, é aquele para quem se constrói o enunciado, portanto esse *outro* assume uma atitude responsiva, ou seja, participa ativamente das situações discursivas. De acordo com Arena,

Os novos atos culturais superam os velhos, ao mesmo tempo em que alteram a própria língua escrita e impulsionam o ensino das operações culturais, intelectuais, sociais e históricas para as crianças das novas gerações, responsáveis pela transformação dos atos aprendidos, das suas finalidades, dos gêneros do discurso, dos suportes de escrita e da própria língua. (ARENA, 2011, p. 36).

O uso dos instrumentos digitais requer novos atos culturais, por isso modifica a maneira como as pessoas lidam com a linguagem escrita, razão porque com o seu uso são criadas necessidades de novas aprendizagens. Conforme destaca o autor, esses novos atos estimulam o ensino de diversas operações, que, por sua vez alteram os atos aprendidos pelas novas gerações. “A criança desenvolve-se na relação dialógica com os outros homens de sua cultura e com a apropriação de instrumentos criados pelas gerações anteriores.” (ARENA; DUMBRA, 2011, p. 49). Assim, a criança aprende as funções dos novos instrumentos na interação com outras pessoas, uma vez que o modo de utilização é transmitido por gerações anteriores, isto é, a função social não é aprendida de forma natural, mas ensinada.

Tendo como referência o que foi discutido até aqui, este artigo apresenta dados gerados durante o desenvolvimento da pesquisa intitulada *apropriação da linguagem escrita por meio de aplicativos em dispositivos digitais*, que tem por objetivo geral compreender as relações entre as crianças e os aplicativos presentes em dispositivos digitais no processo de apropriação da linguagem escrita. A pesquisa vem sendo desenvolvida em uma escola pública da rede estadual do Estado de São Paulo e em uma ONG de assistência social e educação chamada Amor de Mãe, localizadas na cidade de Marília. Participam da pesquisa crianças que cursam o 1º e 2º ano das séries iniciais do Ensino Fundamental. Os dados aqui apresentados referem-se aos gerados com uma criança durante trocas de mensagens utilizando o aplicativo *WhatsApp*, presentes em dispositivos digitais nômades, como o *smartphone*. Será utilizada a letra **P** para se referir à pesquisadora, **M** para se referir ao interlocutor, pessoa com quem a criança trocou as mensagens, e **T (8 anos)**, inicial do nome da criança, sucedido pela idade para se referir à criança. Ela frequenta o 2º ano de uma escola Estadual.

Linguagem escrita e diálogos na era digital

Durante o processo de apropriação da linguagem escrita, os instrumentos digitais são importantes, porque ampliam as possibilidades de inserção do sujeito no mundo da cultura escrita. A relação do homem com a linguagem é sempre mediada, pois ele se constitui como sujeito na relação com o *outro* e por meio dela se apropria dos conhecimentos criados socialmente. “No movimento das interações sociais e nos momentos das interlocuções, a linguagem se cria, se transforma, se constrói, como conhecimento humano.” (SMOLKA, 2012, p. 60). Na interação com o outro, a criança se apropria dos conhecimentos construídos socialmente. O diálogo abaixo mostra a interação da pesquisadora com **T (8 anos)**, durante os primeiros contatos dele com o aplicativo *WhatsApp*.

P - Você vai conversar com uma pessoa agora. Você já usou o celular para escrever? Não? Ah, então você vai usar pela primeira vez? Você já sabe como funciona o *WhatsApp*? Como a gente acha o teclado aí, **T**?

T (8 anos) - O teclado?

P - Isso! Você vai conversar com uma pessoa que você nem conhece. Primeiro você tem que cumprimentar essa pessoa. O quê você vai falar aí? O quê você vai começar dizendo para ela? Oh, pode ser *oi, bom dia, olá, tudo bem*. E aí o que você vai colocar?

T (8 anos) – Ah, não sei se vou colocar *bom dia* ou outra coisa.

P - Pode colocar o que você quiser. Sem medo, pode mexer.

T (8 anos) - Vou colocar *bom dia* mesmo.

Inicialmente, **T** desconhecia os aplicativos presentes no celular com função para escrever e dialogar com o outro. Mergulhado no mundo digital e na interação com a pesquisadora, ele vai aos poucos descobrindo as inúmeras funções presentes neste aplicativo. Portanto não é necessário primeiro ensinar a criança a utilizar os instrumentos digitais, porque ela aprende as funções e os gestos específicos de cada instrumento ou aplicativo, quando inserida mesmo em situações discursivas. Essa atitude didática se contrapõe a ideias tradicionais presentes em práticas escolares, pelas quais inicialmente é preciso aprender sobre a linguagem escrita ou aprender a usar determinados instrumentos para, posteriormente, utilizá-los. A pesquisadora dá sugestões de como **T** poderia iniciar o diálogo com sua interlocutora, uma vez que demonstra receio em escrever. Após as sugestões, decide escrever *bom dia*. (Figura 1).



Figura 1- Escrita da palavra *bom dia*.

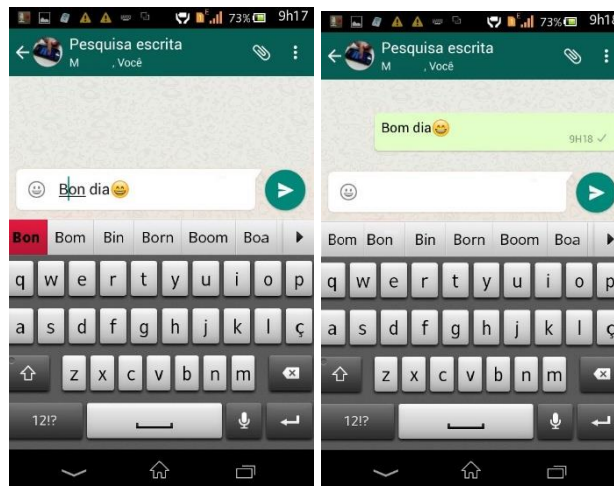
Após a escrita, **T** escolhe um *emoticon*. Antes de iniciar o diálogo, a pesquisadora mostrou a ele todos os recursos disponíveis que poderia utilizar na hora de escrever, dentre eles, os *emoticons*, porque parte-se do princípio de que a escrita não é construída somente com letras, mas também com um conjunto de sinais e ícones. Esse modo de construção amplia a compreensão da criança sobre o ato de escrever. Diante da tela, ela assume a posição de escritor e de leitor de seus escritos. Portanto, ao colocar-se na posição de leitor **T** percebe que a grafia da palavra *bom dia* não está correta.

P- Antes de você enviar, eu vou dar uma olhadinha para não ir errado para ela, está bem? É com uma menina que iremos conversar.

T (8 anos)- *Bom dia* é junto?

P- Ah, você achou aí? Estava pronto, né? *Bom dia*.

Ele pergunta, mas sem esperar a resposta da pesquisadora, já insere o espaço entre as palavras. Em seguida utiliza o banco de dados para corrigir a palavra *bom*, que aparece como segunda opção (Figuras 2 e 3). Diante disso, é possível perceber que a criança aprende a utilizar esses recursos à medida que os vai utilizando. Inicialmente desconhece a possibilidade do uso do banco de dados. Diante da tela do *smartphone*, T observa as configurações gráficas de palavras já escritas; nesse momento, assume uma atitude responsiva e aprende a utilizar enunciados verbais com caracteres não verbais.



Figuras 2 e 3 – Correção do enunciado *bom dia*.

Essa escrita, marca da contemporaneidade, é instantânea, porque a criança tem maiores possibilidades de recorrer à visão, portanto, irá se apropriar da escrita, buscando não propriamente os recursos fonográficos, mas, sobretudo, os visuais. Segundo Bajard (2016), uma das razões de fracasso de crianças em alfabetização é resultado de práticas docentes baseadas em uma visão fonocêntrica, que limita o ensino da linguagem escrita à correspondência entre letras e sons, desprezando sua função discursiva. Essa função ocupa o lugar central nas trocas de mensagens do *WhatsApp*. T aprende a escrever no diálogo com o *outro*, em termos bakhtinianos.

P - Você pode escrever mais coisas enquanto ela não respondeu. Está vendo que ela recebeu? Oh, tem dois risquinhos aqui. Quando ela ler, vão ficar azuis.

T (8 anos) - Leu.

P - O que está acontecendo aí, **I** está? Ela está digitando, escrevendo, oh? Você pode perguntar se ela está bem. O nome dela aparece aqui, acho que ela vai perguntar o seu.

T (8 anos) - Cadê?

P - Aqui, oh! Olha lá ela mandou um *bom dia*.

T (8 anos) - *Bom dia* e mandou um sol.

Todas as ações que ocorrem durante a escrita pelo *WhatsApp* são enfatizadas pela pesquisadora. Durante a escrita ela mostra o que acontece: quando o interlocutor lê a mensagem, isto é, quando a mensagem do autor foi enviada há um sinal de tique de cor cinza; dois tiques cinzas indicam que foi entregue a todos os contatos; dois tiques azuis indicam que a mensagem foi lida. Com isso T apropria-se dos gestos necessários para escrever nesse suporte. Na interação com a pesquisadora, com o interlocutor e com o instrumento digital, T constrói seu discurso. “Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 1992, p. 98). A escrita é sempre orientada

a alguém e possui finalidades específicas, pois o ensino da língua viva se dá na construção de enunciados no diálogo com o *outro*.

Na apropriação da cultura já construída por outros homens, o sujeito objetiva e cria novas necessidades, que, na atividade humana, dará origem a novos instrumentos e a novos processos cognitivos. Os resultados das atividades humanas se materializam nos objetos e instrumentos criados pelo homem nas suas relações com a vida.

Conclusão

Ao pensar a linguagem escrita como meio de transformação do sujeito, faz-se necessário inseri-lo no mundo da cultura escrita e no mundo digital. A apropriação desses bens culturais produzidos pela humanidade desenvolve as funções psíquicas superiores do homem e ampliam as possibilidades de acesso a linguagem escrita. O aplicativo *WhatsApp* permite que, na fase de constituição da escrita para si, a criança a compreenda como uma criação humana, essencialmente semiótica, dirigida para os olhos. Por meio dos enunciados dirigidos para o outro, com consultas ao banco de dados do teclado virtual, a criança tem as bases necessárias para a construção de uma consciência gráfica, específica da escrita, em vez de perder-se nos labirintos da consciência fonológica, própria do universo da oralidade.

Referências

ARENA, D. B; ARENA, A. P. B. Gestos e alfabetização na era dos aparelhos digitais móveis: um enfrentamento inadiável para os docentes. In: CORRÊA, A. H. C; CAVALCANTE, L. I. P; BISSOLI, M. F. **Formação de professores em perspectiva**. Manaus: EDUA, 2016.

ARENA, D. B. Ensino e aprendizagem: perspectivas no campo da alfabetização. In: LONGHINI, M. D. (Org.). **O uno e o diverso na educação**. 1. ed. Uberlândia: EDUFU, 2011, v. 1, p. 27-38.

ARENA, A. P. B; DUMBRA, C. N. P. Comportamento do leitor virtual: a produção de texto em foco. In: LONGHINI, M. D. (Org.). **O uno e o diverso na educação**. 1. ed. Uberlândia: EDLUFU, 2011, v. 1, p. 47-59.

BAJARD, É; ARENA, D. B. Metodologias de ensino: por uma aprendizagem do ato de ler e do ato de escrever em um sistema tipográfico. In: DAVID, C. M. (Org.). **Desafios contemporâneos da educação** (recurso eletrônico). 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 251-276. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/123652/ISBN9788579836220.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 18 mai. 2016.

BAJARD, É. O signo gráfico, chave da aprendizagem da escrita. **Ensino Em Re-vista**, v. 23, n. 1, p. 211-225, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/35412>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N). **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Trad. Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

CHARTIER, R. Ler a leitura. In: MORTATTI, M. R. L; FRADE, I. C. A. S. (Org.). **História do ensino de leitura e escrita**: métodos e material didático. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 21- 42.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SOUCHIER, E. Da “letrure” à tela: ler e escrever sob o lhar das mídias informatizadas. Tradução: Dagoberto B. A ; Adriana P. B. A. **Ensino Em Re-vista**, v. 22, n. 1, p. 211-229, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/viewFile/30722/16782>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

SOUZA, F. M; GAMA, A. P. F. (Org.). **Esferas de usos da linguagem**: Mídas, currículos, novas práticas e tecnologias. São Carlos: Pedro&João Editores, 2011.